

COLLOQUIOS  
C O M  
CHRISTO  
CRUCIFICADO

DE HUM PECCADOR ARREPENDIDO,  
C O M P O S T O S

Pela Madre Soror CECILIA DO ESPIRITO SANTO,  
Religiosa de S. Francisco, Professã em o Convento  
das Chagas de Villa-Viçosa.

*Os Passos da Escriitura, que se tocaõ nestes Colloquios, vão margeados  
por hum Religioso irmão da Authora.*

O F F E R E C I D O S  
A O MUITO REVERENDO PADRE  
FR. JERONYMO DE JESUS,

Religioso da Ordem da Santissima Trindade.



L I S B O A.  
Na Officina de MIGUEL MANESÇAL,  
Impressor do Santo Officio. Anno 1688.  
*Com todas as licenças necessarias.*



# DEDICATORIA.



S acções heroicas ( muito Reverendo Padre ) não se em-  
prendem sem fazerem ecco nas mais remotas distancias ;  
por que com as pênas das azas da fama, se escreverão sem-  
pre os progressos mais lufidos. Os de Vossa Paternidade,  
como tão generosos, me chegáráo a estas partes Transta-  
ganas, por via de meus parentes, deixandome edificada da acertada re-  
solução que tomou, em deixar o mundo ; que supposto, que em o tarde da  
idade buscou Vossa Paternidade a Religião, & buscou a Deus, sempre te-  
rá igual galardão aos que o buscão na primavera dos annos ; por que quan-  
do Christo representado em o Pay de Familias, chamou obreiros para a  
sua vinha, que representava a Igreja, & a Religião, igualmente remunere-  
rou aos que vieraõ de tarde a ella, como aos que vieraõ muito de manhãa ;  
& de entre os Apostolos, ao que seguio a Christo no decrepito dos annos,  
que foi S. Pedro, o antepoz em a dignidade, aos que em menor idade o se-  
guiraõ ; & não importa que a rosa com sua lousania madrugue muito de  
manhãa a esperar os rayos do Sol, se de tarde se murcha mais depressa  
sua belleza ; & vai muito que o diamante espere largos dias os seus influ-  
xos, para se fazer eterno em sua duração. Tomou Vossa Paternidade a  
Cruz da Religião sobre os seus hombros, & em o mesmo tempo a poz Vos-  
sa Paternidade em o peito ; sem duvida, porque sendo o peito o lugar aon-  
de reside o amor, quiz consultar com seu amor este peso, para fazer mais  
suave essa Cruz ; & pois Vossa Paternidade buscou com tanta anciancia a  
Christo

Christo na Religião, busca hoje Christo a Vossa Paternidade, para amparar as fnefas, que nestes Colloquios se referem. He certo, que todos os que escrevem, buscão em os sugeitos grandes, sombra que amparem as obras que compoz o seu engenho; eu busco em Vossa Paternidade Sol, que dê lustre a estes desvelos, que empredeo a minha devoção. E posto que a obra he piquena na quantidade, he na qualidade grande, porque comprehende sentimentos de hũa Alma á vista das penas de seu Creador, & contém arrependimentos de culpas, lavadas já em o Sangue de Christo; & como conheço em Vossa Paternidade sua muita piedade, & devoção, esta me moveo a buscar nella, arrimo a esta piedosa obra, para que com seu favor tenha lusimentos, quando por minha perca a estimação. Receba Vossa Paternidade estes colloquios, que lhe dedica o meu affecto, para que o seu patrocínio lhe dê azas com que voe felizmente pelo mundo; & assim ficará Christo mais venerado, a devoção de Vossa Paternidade mais applaudida, & meu agradecimento mais conhecido. Deos guarde a pessoa de Vossa Paternidade, para lhe fazer muitos serviços.

**Oradora de Vossa Paternidade.**

**SOROR CECILIA DO ESPIRITO SANTO.**

**RO-**

# ROMANCE.



Ulcissimo JESU  
Divino Pastor Eterno,  
q̃ hũ banho tomais de sangue,  
Por rebanho taó perverso.

*Ego sum  
Pastor bonus.*

Meu dulcissimo Jesus,  
Dos homens pastor supremo,  
Que fostes pastor humano  
Sendo Divino Cordeiro.

*Ecce Agnus Dei.*

Meu bem, meu Deos, meu Senhor,  
Meu vos chamei? Louco affecto,  
Se por ser todo do mundo,  
De ser eu voffo já deixo.

Doce Jesus desta vida,  
Desta vida? Sim, he certo,  
Que posto a vida he taó mà  
A vida, & alma vos devo.

Posto na Arvore da Cruz,  
Buscastes em esse lenho,  
Lenha que o amor vos lançou,  
Para taó grandes incendios.

*Ignem ve-  
ni mittere  
in terram.*

Se para acenderes fogo  
Na terra, fazeis extremos,  
Nesse madeiro taõ grosso  
Este fogo

Essa te chama  
Chama pelo meu remedio,  
Acendendo as frias cinzas,  
Desto enregelado peito.

Chagado estais meu Jesus,  
Mas chagado assim vos quero,  
Que effas rubricas do amor,  
Declaraõ vossos excessos.

Em a Cruz vos poz despido  
Mais que o odio, o amor mesmo,  
Que naõ consentio veltido,  
Fogo de amor taõ intenso.

Roto por todas as partes,  
Nessa Cruz vos confidero  
Soldando nessas roturas  
As feridas que em mim tenho.

*Verè lan-  
gones nos-  
tros ipse  
tulit.*

Rafgado de duros golpes  
Vos vejo nesse madeiro,  
Que he bem seja muy rafgado,  
Quem foi taõ sabio, & discreto.

Sendo esse precioso fangue,

*Constitue-  
runt ei tri-  
ginta argē-  
teos.*

De nosso resgate o preço,

Vendido vòs como escravo,

Remis este cattiveiro.

*Petra au-  
tem erat  
Christus.*

Representado na pedra,

Destes agoa em hum deserto,

Tirando o golpe da vara,

Dessa pedra crystaes frescos.

*Percussit  
virga bis  
filicem, &  
egressæ sūt  
aquæ lar-  
gissimæ.*

Mas agora pela vara

Dessa Cruz, em que vos vejo

Mudais os puros crystaes

Em rubins sanguinolentos.

*¶ Duabus  
velabant  
faciem.  
Spiritus  
domini or-  
navit Cæ-  
los.*

Se de azas de Serafins

Vos vistes, Senhor, cuberto,

Se vestis o Ceo de Estrellas,

De flores prados amenos.

Como despido em a Cruz

Vos vejo com tal desprezo?

Direis que ahi vos despistes,

Para cubrirdes meus erros.

*Sicut Moy-  
ses exalta-  
vit Serpē-  
tem in de-  
serto.*

A Serpente de metal,

Representais nesse lenho,

Jà trocando a morte em vida,

Em antidoto o veneno.

No metal, a fortaleza

Mostrastes em os tormentos,

Sendo no amor, branda cera,

Sois metal duro em sofrellos.

O retrato fois do amor,

Quando nessa Cruz suspenso,

E de morte cor pintado,

Sois o retratto mais bello.

Tendo o arco dessa Cruz,

Sois do amor lindo modello,

E nas azas desse amor

Muitas penas confidero.

Se as sombras daõ à pintura,

Todo realce, & todo o esmero,

Mostrais nas sombras da morte,

Pintado hú amor perfeito.

Sinco portas vejo abertas,

Nesse sacrosanto Templo,

Sendo que às portas fechadas,

Nos dais todo o vosso Reyno.

Patentes tendes as portas,

Pera me dar o remedio,

Quando eu as tenho fechadas,

Meu Deos, a vossos preceitos.

*Non est eē  
species, ne-  
que decor.*



Manirroto estais meu Deos,  
E a golpes todo desfeito,  
Parece foi defafogo  
Desse amor, que em vós contêplo.

Huma chaga viva estais,  
Em esse duro madeiro,  
Sendo eu húa chaga morta,  
Jà sepultado em meus erros.

*Sepulchrū  
patens, est  
gutturcorū.*

Nessa Cruz adonde estais,  
Multiplicais os excessos;  
Nas contas de vosso amor,  
Pondes na Cruz os extremos.

Preso de pès, & de mãos  
Nessa Cruz, Senhor, vos vejo,  
Sendo Autor da natureza,  
Nella estais como reo, preso.

Sendo todos meus peccados,  
Sendo todos meus defeitos  
Processo quasi infinito,  
Contra vós foi o processo.

Desses cabellos divinos  
Estar eu preso desejo,  
Pois meus peccados, & culpas,  
Me tem já por hum cabelo.

A effas madeixas de ouro,  
Meus peccados taõ perverfos,  
Sendo ellas ouro de Ofyr,  
Purpureos coraes tem feito.

Porèm fe os cabellos faõ  
Symbolo dos pensamentos,  
Subiraõ muito de ponto,  
Os vossos em os excessos.

Se de hum cabello da Esposa,  
Ferido vos confide ro  
Eu deffes cabellos lindos,  
Vejo ferido meu peito.

Se entre as maõs, & entre as plantas,  
Os cravos vos vem nascendo,  
Rosa sereis entre espinhos  
Que em vossa cabeça vejo.

Se coroad de Estrellas,  
Vos mostrais em voffo Reyno,  
Como se tornaõ espinhos,  
Estrellas do firmamento.

Se os espinhos em a çarça,  
Vos guardavaõ noutro tempo,  
Como já agora os espinhos,  
Vos offendem sem respeito.

*Vulnerasti  
cor meū in  
uno crine  
colli tui.*

*Tribulos  
& spinas  
germina-  
bit terra.*

Se os espinhos contra a culpa

Se deraõ neste terreno,

Como contra a innocencia

Se voltaraõ taõ grosseiros?

Em a cabeça os espinhos

Vos puleraõ com desprezo,

Porèm do mais abatido

Faz o amor coroa, & sceptro.

Deu-se de Rey a coroa

Com rafaõ ao espinheiro,

Que espinhos que vos tocaraõ,

He rafaõ que fejaõ Regios.

Effes olhos taõ divinos,

Sendo brilhantes luzeiros

Vejo já Soes eclipsados

Com inhumanos tormentos.

Effes olhos soberanos

Cegos de fangue os contemplos;

Que se fois o proprio amor

Havieis ter olhos cegos.

Dos olhos, effas meninas.

Como maltrattadas vejo?

Se das meninas dos olhos

Fostes o melhor objecto.

*Deus cha-  
ritas est.*

Se dais luzes às Estrellas  
Do lufido firmamento,  
Como as Estrellas dos olhos,  
Vejo sem luz, sem reflexos?  
Sem vista, & cheyos de fangue,  
Effes olhos confidero,  
Que amor de fangue nos olhos,  
He mais nobre, & mais perfeito.  
Como pera vossa fede  
Os Fariseos mais protervos,  
Sendo vòs pomba sem fel,  
Vos deraõ fel taõ azedo?  
Mas se o fel representava  
De minha culpa os excessos,  
Da garganta pera baixo,  
Naõ vos passãraõ meus erros.  
Tomastes o gosto ao fel,  
E deuvos gosto em effeito,  
E porque gosto lhe achastes,  
Recusastes o bebello.  
Porque como vosso amor  
Era amor taõ verdadeiro,  
Na pena tinheis o gosto,  
No gosto o fel mais azedo.

*Dederunt  
ei bibere  
vinum cum  
felle mixtū*

*Cum gustas  
set, noluit  
bibere.*

*Lac, & mel  
sub lingua  
ejus.*

Mas fe do mel a doçura

Nota a Esposa em vossos beigos,

Como unio com fel o odio,

Tanta distancia de extremos?

Naõ foi o odio sômente

O que fez estes effeitos,

Propriedade foi do amor,

Unir doçura, & tormentos.

*Speculum  
sine macu-  
la.*

Esse soberano rosto,

Sendo crystallino espelho,

O vejo todo quebrado,

E a golpes todo desteito.

No espelho de vossa cara

Mostrou soberano alento

O aço da fortaleza,

Com que sofreis os tormentos.

*In quem de  
siderāt An-  
geli prof-  
piscere.*

*Dedit ala-  
pam illi.*

*Iustorum  
animæ in  
manu Dei  
sunt.*

De vosso rosto a belleza,

Sendo dos Anjos desejo,

Nelle se empregou o golpe

Da mão de hũ barbaro nescio.

Se em vossa mão qualquer justo

Tem seu soberano assento,

Como hũa mão taõ perversa

Se assenta em rosto taõ bello?

Da palma da mão infaulta,  
Que foi nesse rostro emprego  
Fabricou voffo amor palmas,  
Erigio o amor trofeos.  
Eſta ſonora garganta,  
Em cujos paſſos contemplo,  
Que como Cyſne, na morte  
Fez os mais doces acentos.  
Como a garganta com cordas  
Vos ata o odio indifcreto,  
Se com as do coração  
Vos tinha voffo amor preſo?  
Com cegos nõs de huma corda  
Atado Senhor vos vejo,  
Porẽm hũ taõ cego povo,  
Que ha de dar, ſenaõ nõ cego?  
Hum nõ vos põem na garganta,  
Sendo vòs manſo Cordeiro,  
Os que como touros bravos,  
Sò haviaõ de eſtar preſos.  
Fostes o primeiro homem,  
Que ſendo ſabio, & difcreto,  
Eſtivateſte taõ atado,  
Entre eſſe povo taõ neſcio.

*Dederunt  
illi palmas.*

*Tauri pin-  
gues obse-  
derunt me.*

Esse

Esse peito soberano,

Em quem com razão conheço,

Que como em hū peito de aço

Fez prova vosso amor mesmo.

Nesse peito sacrosanto,

Dous contrarios confidero,

O brando de vosso amor,

Com a dureza do ferro.

Sendo Emperador do Ceo,

Por taõ natural direito,

Quereis à ponta da lança

Levar tambem esse Reyno.

Nesse peito o vosso amor

Foi taõ claro, & manifesto,

Que quem quer darà com elle,

Se acertou com elle hum cego.

Bem nesse peito amoroso

Vejo do amor os extremos,

Quando o padecer por mim

O tomastes tanto a peito.

Dessa lançada o final

Faz que vendo o rigor fero,

Lagrymas chora às lançadas

O peito mais brando, & terno.

De vosso amor junto o fogo

Co a dureza desse ferro,

Quifestes a ferro, & fogo

Vencer a todo o Inferno.

Buscou esse ferro duro

Vosso coração interno,

Quando ao fogo do amor

Qual cera o tinheis desfeito.

Hum golpe no coração

Vos deu hum cego preverso;

Mas o amor como mais lince,

Dous golpes vos deu mais dentro.

A agoa que alli nos destes,

Naõ apagou os incendios

Do fogo de tanto amor,

Que ardia dentro em vós mesmo.

Na vea do coração

Vos sangra hum homem perverso,

Naõ com mimosa lanceta;

Mas com lança, & sem respeito.

Com o sangue que ahi dais,

Remistes meu cattiveiro,

E nesse ferro da lança

Me livrais de duros ferros.

*Qui infernum confregit.*

*Factū est cor meum tanquam cera liquef-cens.*

*Vulnerasti cor meum Sponsa, vulnerasti cor meum.*



*A latere  
Christi  
exierunt  
sacramen-  
ta.*

Os Sacramentos da Igreja

Nos dais nesse amante peito,

E quando morreis na Cruz

Acabais cos Sacramentos.

Abertas as mãos com cravos

Vos deixa o povo indiscreto,

Quando de muy liberaes

Taõ rotas as confidero.

Essas mãos, que daõ de maõ

A meus peccados taõ feyos,

Como encravado eu na culpa

São encravadas num lenho?

Essas mãos, que aos culpados,

Defataõ em todo o tempo,

Como de culpados tantos

Estaõ prelas num madeiro?

Prendeo essas mãos o odio

Do povo barbaro, & nescio;

Mas o amor soltou o fangue

Para me dar o remedio.

Cruzastes, Senhor, as mãos

Para receber tormentos;

Mas na Cruz as estendestes

Para meu bem, meu proveito.

Se forão feitas ao torno  
Essas mãos com tanto empenho,  
Como já feitas aos cravos,  
Pregadas na Cruz as vejo?

*Mannus  
ejus torna-  
tiles.*

Se das cordas apertadas  
Vejo essas mãos, he portento,  
Que sejaõ taõ liberaes  
No fangue de tanto preço.

Effes braços taõ divinos,  
Que na Cruz se viraõ presos  
Os vejo hum braço de mar  
Em mar de fangue desfeitos.

Já em esse mar de fangue  
O golfo de Leaõ não temo,  
Antes bem vos vejo nelle,  
Meu Deos, hum manso Cordeiro.

*Vidi Agnũ  
tanquam  
occisum.*

Se em vosso divino braço  
Mostrais hum poder immenso,  
Como aos braços dessa Cruz  
Se vem os vossos fugeitos?

*Fecit potẽ-  
tiam in  
brachio suo*

A' Cruz destes effes braços  
Com amorosos requebros;  
Mas se à Cruz destes os braços  
Aos homens destes o peito.

Effes

Esses pès em cujas plantas

Estampadas rosas vejo,

Estaõ feitos pès de cravos

Com os cravos desse lenho.

Na fortaleza, com que

Sofreis, cravos taõ intenlos

Ficaõ cravos da Arrochela

Por fortes, & por fanguentos.

Hum ramallete de myrrha

Vos nomeais noutro tempo;

Mas ramallete de cravos

Hoje estais nessa Cruz feito.

Esses pès, que deraõ passos

Pelo peccador perverso,

Suas erradas solturas

Vos tem esses pès taõ presos.

Passados os pès, & mãos

Purpureo sangue vertendo,

Ficastes com as mãos rotas

Para darnos vosso Reyno.

Descalços vejo esses pès:

Porèm nunca nos extremos

Vos toma o amor descálço,

Se bem que sempre inquieto.

Em o mar de tanto fangue  
Vos meteis atè o Joelho  
Naõ podendo tomar pè  
No mar de tantos tormentos.

Effes Joelhos divinos,  
Sendo fortes com excessos,  
A força de voffo amor,  
Se dobraõ num horto ameno.

Se no fuor de feu roftro  
A Adaõ condemnado vemos,  
A vòs num fuor de fangue  
Vos condenàraõ feus erros.

Prostrados foraõ por terra  
Effes divinos Joelhos,  
Mostrando em terra humildades,  
Quem condusia a respeitos.

Nellas costas, que Moyses  
Vio da gloria o môr excesso,  
Ahi cifraftes a gloria.  
Donde as penas naõ tem termo.

Se ao tirar de Adaõ a costa,  
O fifeftes com tal tento,  
Que por naõ sentir a dôr,  
Lhe infundis hũ somno intenso.

*Crura il-  
lius colum-  
na mar-  
morea.*

*In sudore  
vultus tuus  
vesceris  
pane tuo.  
Factus est  
sudor ejus  
sicut guttae  
sanguinis.*

*Posteriora  
me à vi-  
debis.*

*Immisit Do-  
minus so-  
porem in  
Adam.*

Como a vòs vos paga o homem,  
Esse favor taõ supremo,  
Tirando de vossas costas,  
Hum golfo de mar sanguento?

Dais as costas aos açoutes,  
Que vos daõ Judeos perversos,  
E quando virais as costas,  
Mais pelejais a pè quedo.

E se nas costas do mar,  
Mais soa o undoso elemento,  
Vendose de sua furia  
Açoutados seus penedos.

Sendo vòs pedra angular,  
Nessa pedra estamos vendo  
No estrondo deffes açoutes  
Alterado hum mar vermelho.

Se para amansar Leões,  
Se açouta à sua vista hum perro,  
Como se açouta a hum Leaõ,  
Para amansar tantos perros?

Se por David tinheis ditto,  
Que do açoute cruel flagello,  
Ao Tabernaculo voffo  
Naõ chegaria o tormento.

*Ipsò sumo  
angulari  
lapide  
Christo  
Iesu.*

*Vicit Leo  
de Tribu  
Iuda.*

*Et flagellu  
non appro-  
pinquabit  
Taberna-  
culo tuo.*

Como

Como pois, qual vil escravo,

Vos açouta o povo nescio?

Mas direis, vos poz a marca

Vosso amor de escravo, & servo.

*Formam  
servi ac-  
cipiens.*

Nessa balança da Cruz

Inclinastes para o peito,

Que foi adonde o amor

Vos fazia mayor peso.

*Statera  
facta cor-  
poris.*

E postos nessa balança,

Vosso amor, & meus defeitos

A respeito deste amor

Meus peccados pesão menos.

Na Cruz com sette palavras

Pusestes à vida termo,

E como enfermo de amor,

Morreis, Senhor, ao seteno.

Mostra o Sol em vossa morte,

No luto o feu sentimento,

Que he bem vestisse o Sol lutos

Em hum dia taõ funesto,

*Sol obscu-  
ratum est.*

Se rasgado em duas partes

Se mostrou o veo do Templo,

Como em lagrymas rasgados,

Senaõ vem meus olhos cegos.

*Velum Te-  
pli scisum  
est in duas  
partes.*

Se em vossa funesta morte  
Se quebraraõ os penedos,  
Como as cordas fenaõ quebraõ  
Dos corações mais isentos?

*Petra scis-  
sa sunt.*

Meu bem, meu Deos, meu Senhor,  
Em essa Cruz vos contemplo,  
Morto para vossa vida,  
Vivo para meu remedio.

Quem, dulcissimo Jesus,  
Vos deu taõ grandes tormentos?

*Qua non  
rapui, tunc  
exolvebã.*

Que padeçais vòs as penas,  
Que por culpas eu mereço?

Ah Esposo de minha alma,  
Que para curar meus erros,  
Em vòs foraõ as sangrias  
Quando eu era o mais enfermo?

Na vea de todo o corpo  
Vos sangrou o Povo Hebreo,  
Quando o sangue pelos poros,  
Derramais num horto ameno.

*Factus est  
sudor eius,  
sicut guttae  
sanguinis.*

Acoutes, cravos, & lanças  
Tudo foraõ instrumentos,  
Que fendo crueis abriraõ,  
Portas para o meu remedio.

Jà entre feridas tantas,  
Meu Deos, meu amante, vejo  
Que sejaõ muytos mais golpes  
Do que os olhos para vellos.  
Essas feridas saõ bocças,  
Que mostraõ vossos extremos,  
Engastados nos coraes  
De fangue de tanto preço.  
Chega pois, ô alma minha,  
Porque alli tens o remedio  
Em cinco portas abertas  
Daquelle sagrado Templo.  
E posto as portas saõ largas,  
Adverte, ò alma, com tempo,  
Que para entrares por ellas,  
Serà pondote em aperto.  
Chega a bater a esta porta,  
Sem temor, & sem receyo,  
Naõ sò teràs porta aberta,  
Mas tambem aberto o peito.  
Mas de vós, doce Jesus,  
Que me desprezeis já temo,  
Por despido de virtudes  
Quando de vicios taõ cheyo.

*Quid sunt  
plaga ista?*

*Pulsate, &  
aperietur  
vobis.*

*Quomodo  
huc intras-  
ti, non ha-  
bens vestè  
nuptialem?*

Porém



Porèm naõ, Pastor Divino,  
Pois se vir do Ceo vos vejo  
Buscando a ovelha perdida,  
Errado ando em o deserto.

*Erravi sicut ovis  
qua periit.*

Pay fois ; Oh que doce nome!

E eu filho voffo perverso,  
Como pay vos enterneçaõ  
Lastimas de hum filho, & fervo.

O Prodigio sou, Senhor,

Que vagando tras meus erros,  
Pelas delicias do mundo,  
De Cedar perdido venho.

*Habitavi cum habitantibus Cedar.*

Recebeime, doce Pay,

Clemencia, Jesus immenso,  
Que pequei â vossa vista,  
E contra o Ceo, indiscreto.

*Pater peccavi in Caelum, & coram te.*

Amparaime, Deos benigno,

Que sei, que effes Ceos supremos,  
Se vos busco arrependido,  
Mostrarão todo o festejo.

*Majus gaudium erit in Caelo, super uno peccatore paenitentia agente.*

Olhai que se o naõ fazeis,

Vos obrigarão meus erros,  
Com letras de voffo sangue,  
Descifradas em vós mesmo.

Com

Com estas letras, Senhor,  
Revogareis o decreto  
Da morte, que a Adão pusestes  
Passando o vosso preceito.

*Delens  
quod adver-  
sus nos erat  
chirogra-  
phum de-  
creti*

Quem, Senhor, senão sois vós,  
Me pôde farar enfermo,  
Com o melhor cordial,  
Que sahio de vosso peito?

*Exiit  
sanguis,  
& aqua.*

Já de meus erros passados,  
Tem passado o triste Inverno,  
Já chega o Verao alegre  
De meu arrependimento.

*Iam enim  
hyems trá-  
sijt.*

A vossos divinos pés,  
Taó arrependido chego,  
Que antes perderei mil vidas  
Do que, Senhor, offendervos.

Em maldades concebido,  
De mim, meu Senhor, que espero,  
Que não seja a minha vida,  
Tudo ruina, & tropeço?

*Ecce enim  
in iniquita-  
tibus con-  
ceptus sũ.*

Grande ditto tem a culpa,  
Grande forte tem meus erros,  
Que se o peccador buscais,  
Quem mais peccador, q̃ eu mesmo?

*Non veni  
vocare ius-  
tos, sed pec-  
catores.*

Se entre meus proprios delictos,  
Perdido, Senhor, me vejo,  
Na ribeira de meu pranto,  
Tomo hoje o porto mais certo.

Misericordia, piedade,  
Meu Deos, meu Senhor immenso,  
Se contra mim saõ as culpas,  
Saõ poucas, se a vós vos tenho.

Em esse golfo de mar,  
Hum porto seguro espero,  
Que eu no mar roxo me ganho,  
No mar do mundo me perco.

Em o mar de vosso sangue,  
Entrar, Senhor, já não temo,  
Como em golfo de Leão,  
Sendo vós manso Cordeiro.

Chega pois, ô alma minha,  
Que neste profundo pego,  
Te salvaràs da tormenta  
Nas taboas daquelle lenho.

RES  
P 265  
LAUS DEO.